

TITULO: O Saber Leigo Potencializando Vidas

Autores: Bárbara Ferreira Leite, Paula Gonçalves Filippon

Instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
SRT- Morada São Pedro.

O presente texto surge da constituição da equipe de trabalhadores do Serviço Residencial Terapêutico- Morada São Pedro e residentes do segundo ano do programa em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com objetivo de apresentar uma das diversas atividades realizadas durante vivência no Cenário de prática.

Diferentemente do movimento de desospitalização desencadeado nos Estados Unidos da América, que gerou o abandono e desassistência ao portador de sofrimento psíquico, este projeto, influenciado pelo processo de desinstitucionalização ocorrido na Itália, tem como uma das suas diretrizes básicas a desconstrução do paradigma psiquiátrico, apontando um novo modelo de assistência através da apropriação e interlocução dos diversos saberes acerca da loucura, desconstruindo da mesma forma o paradigma problema-solução e a idéia de que a doença precisa de cura (Rotelli, 1990).

Desinstitucionalizar não tem fim, não tem modelo ideal, precisa ser inventado incessantemente. Trata-se de um exercício cotidiano de reflexão e crítica sobre os valores estabelecidos como naturais ou verdadeiros, que diminuem a vida e reproduzem a sociedade excludente no qual estamos inseridos. [...] Trata-se de um outro modo de estar na vida e, como tal, de produzir práticas em saúde. (ALVERGA & DIMENSTEIN, 2005).

O SRT Morada São Pedro está inserido no contexto da reforma psiquiátrica, dentro de um paradigma que coloca a desinstitucionalização das pessoas portadoras de sofrimento psíquico como principal objetivo. A inserção de residentes neste serviço

possibilita adquirir conhecimentos no contexto sócio-pedagógico e político em que este se inscreve e como se tem operado com o paradigma da desinstitucionalização. Possibilita o entendimento e a reflexão crítica a respeito das produções de práticas e saberes em saúde mental.

Durante o cotidiano do residencial terapêutico, pudemos acompanhar e principalmente compartilhar o desafio de propor situações que favoreçam a construção de espaços de cidadania e autonomia, possibilitando os laços sociais, formas de morar e dispositivos de cuidado. Diante de tantos desafios, nos vimos instigadas a integrar esta equipe e somar as forças e saberes para uma conquista e transformação de paradigma.

É pensando nestes desafios, que nos ocupamos em criar estratégias de intervenção que condiz com o papel do residente, e potencializar o serviço residencial Morada São Pedro frente a ações que este lugar propõe.

A partir de nossa aproximação, enquanto residentes tivemos a oportunidade de vivenciar o cotidiano de diversos moradores e as diferentes formas de viver neste local. Conforme fomos circulando pelas ruas, casas e vidas da Vila São Pedro pudemos acompanhar diversas atividades de vida diária, relações de vizinhança, cenas de conflito, amizades, festividades e tantas outras. Através dessas vivências percebemos que alguns moradores possuem maior inserção no espaço em que vivem, com apropriações que os deixam mais próximos de um lugar de “donos da casa”.

Na busca de uma reorganização da identidade, para a apropriação do espaço de morar, onde o cotidiano é permeado pelo desejo, pela participação e pela escolha, buscando uma efetiva transformação social.

No entanto, como algo importante e diferencial, vimos a relação intensa de cuidado que ocorre entre os moradores e as trabalhadoras contratadas por eles para auxiliar nos cuidados e organização da casa. Estas que a princípio são responsáveis por diversas tarefas como limpar e cozinhar, em contato diário com os moradores desenvolvem um trabalho muitas vezes despercebido, como o “potencializar vidas”.

No desenrolar de nossa prática no residencial terapêutico, nos momentos de compartilhamento de experiências em reunião de equipe e supervisão, avaliamos a necessidade de realizar um trabalho específico com essas trabalhadoras - auxiliares das

atividades domésticas. Primeiramente na tentativa de problematizar autonomia e tutela, e como isso ocorre na prática.

“Entendemos autonomia como a capacidade de um indivíduo gerar normas, ordens para sua vida conforme as diversas situações que enfrente, assim não se trará de confundir autonomia com auto-suficiência, nem com independência. Dependentes somos todos; a questão dos usuários é, antes, uma questão quantitativa: dependem excessivamente de apenas poucas relações/sociais. Essa situação de dependência restrita/restritiva é que diminui sua autonomia. Somos mais autônomos quanto mais dependentes de tantas mais coisas pudermos ser, pois isso amplia as nossas possibilidades de estabelecer novas normas, novos ordenamentos para a vida”. (Tykanori, 2001).

Ainda se tratando de autonomia e maneiras de resgatá-la e/ou potencializá-la podemos buscar algumas referências que são trazidas no manual do ministério da saúde sobre Residenciais Terapêuticos que foi produzido com a intenção de nortear, dentre outras coisas, as práticas de trabalho no Residencial Terapêutico:

“Os profissionais que cuidam de moradores do SRT deverão saber dosar sempre o quanto de cuidado deverá ser oferecido para auxiliar na aquisição de autonomia pelo usuário, numa negociação constante”. (Pág. 14 em BRASIL, 2004.)

Realizamos encontros com as trabalhadoras, onde não ocupamos um lugar de saber específico, mas sim oportunizamos um espaço de Roda de Conversa onde a palavra circulou livre para os “relatos- acontecimentos” do cotidiano das casas. Portanto trabalhamos no intuito de se aproximar dessas trabalhadoras, grandes parceiras que auxiliam na construção da reabilitação psicossocial dos ex- moradores do Hospital Psiquiátrico São Pedro que hoje moradores da comunidade a conhecida Vila São Pedro. O saber de quem entende de legislação, de quem entende de medicamento e de reabilitação, não se confere ao saber de quem é trabalhadora da casa do Luiz e vizinha da casa do João, pois essas trabalhadoras moram na mesma vila. Percebe-se que o saber integrante a reabilitação são as relações afetivas de quem entende da vida, de ser

vizinho do Luiz, do João, da Maria. Este é o território das relações, contempla a participação de novos atores no processo da reabilitação psicossocial.

Nesse encontro as trabalhadoras tornaram-se grandes contadoras de histórias, e revelaram-se como potentes agenciadoras de um cuidado ampliado. Ao ouvir esses acontecimentos fomos observando a riqueza do trabalho que vem sendo desenvolvido, atendendo às singularidades. Isso nós faz, buscar o conceito de produção de saúde invisível, para Galletti são: experimentações sensíveis, inquantificáveis. São experiências que ampliam as possibilidades de acontecimentos produtores de vida.

Nesse conto de histórias, surge a lembrança de um fragmento lá do início do projeto Morada São Pedro, que os vizinhos preocupados com a chegada dos pacientes, tinham medo que estes colocassem fogo nas casas e até mesmo que roubassem os seus filhos (bebês), contou-nos uma das participantes da roda de conversa. Progressivamente, os ex pacientes e agora moradores do sRT foram incluídos nos acontecimentos coletivos, o cotidiano repleto de interações, que proporcionaram que as pessoas se conhecessem, interajam, diminuindo então o receio que havia destes desconhecidos vizinhos.

Nessas histórias contada aos poucos, conectam e agenciam experiências de trabalhadoras que potencializam a vida, promovem transformações nas relações, produzem valor. Nesse âmbito trabalha-se com o conceito de produção de vida, de sociabilidade, de utilização de formas coletivas de convivência, solidariedade e afetividade.

Considerações:

A experiência com o saber leigo, expressão legítima por indicar um saber em trabalho, foi predominantemente positiva. Vimos que o fato de se tratar de trabalhadoras não preparadas formalmente para lidar com pessoas em reabilitação psicossocial não exclui a possibilidade de atitudes promotoras de cidadania e autonomia. Os encontros não se ocupavam de especializar o trabalhador, nem mesmo de um lugar de supervisão coletiva, mais sim de oportunizar encontros coletivos através de roda de conversa para serem compartilhadas e revividas as cenas do cotidiano. Vale

salientar que todos têm um saber sobre a loucura, construções, mitos e experiências acerca deste tema que muitas vezes amedronta, surpreende, mas que é também de alguma maneira instigante. A experiência com o saber leigo, expressão legítima por indicar um saber em trabalho, foi predominantemente positiva.

Referências:

BRASIL. Residências terapêuticas: o que são, para que servem. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

KINOSHITA, Roberto Tyakanori. Contratualidade e Reabilitação Psicossocial. In: PITTA, Ana(org). Reabilitação Psicossocial no Brasil. São Paulo. Hucitec,2001

ROTTELI, F. e org. Desinstitucionalização. São Paulo. Hucitec, 1990.

PITTA, Ana(org). Reabilitação Psicossocial no Brasil. São Paulo. Hucitec,2001.